

## MEMÓRIAS DE PLANTAÇÃO: Episódios de racismo cotidiano.

*Pamela Cristina dos Santos*

### Resumo

A resenha destaca algumas das principais contribuições da obra de Grada Kilomba, traduzida para o português como, *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Embora a autora seja de origem portuguesa, a obra chega ao Brasil, já com tradução para a Língua Portuguesa, apenas no ano de 2019. Tal obra possui grande relevância para os estudos das Relações Étnico-Raciais no Brasil e no mundo visto que traz elementos concretos do racismo expresso nos cotidianos dos sujeitos negros/as. No livro, são apresentados os modos como o racismo é orquestrado nas sociedades e os modos como atingem as pessoas negras desde a infância até a vida adulta, além disso, resalta as marcas psicológicas e sociais deixadas pelo racismo cotidiano. A partir de uma discussão profunda e politicamente posicionada Grada Kilomba nos apresenta, nessa obra, possibilidades de conhecer e reconhecer o racismo na sua essência como também maneiras de resistências urgentes.

**Palavras-chave:** racismo; relações étnico-raciais; linguagem.

## PLANTATION MEMORIES: Grada Kilomba Writings

### Abstract

The review highlights some of the main contributions of the work of Grada Kilomba, translated into Portuguese as, *Memórias da Plantação: episodes of daily racism*. Although the author is of Portuguese origin, the work arrives in Brazil, already with translation into the Portuguese language, only in the year 2019. Such work has a great construction for the studies of Ethnic-Racial Relations in Brazil and in the world since it brings elements aspects of racism expressed in the daily lives of black subjects. In the book, the ways in which racism is orchestrated in societies are taught and the ways in which they affect black people from childhood to adulthood, in addition, it stands out as psychological and social marks left by daily racism. Based on a deep and politically positioned discussion, Grada Kilomba presents us, in this work, with possibilities of knowing and recognizing racism in its essence as well as ways of urgent resistance.

**Keywords:** racism; ethnic-racial relations; language.

## MEMORIAS DE PLANTACIÓN: Escritos de Grada Kilomba

### Resumen

La reseña destaca algunas de las principales contribuciones de la obra de Grada Kilomba, traducida al portugués como *Memórias da Plantação: episodios de racismo cotidiano*. Aunque el autor es de origen portugués, el trabajo llega a Brasil, ya con traducción al idioma portugués, recién en 2019. Tal trabajo tiene gran relevancia para los estudios de Relaciones Étnico-Raciales en Brasil y en el mundo ya que trae elementos aspectos del racismo expresados en la vida cotidiana de los sujetos negros. El libro presenta las formas en que el racismo se orquesta en las sociedades y las formas en que afecta a las personas negras desde la infancia hasta la edad adulta, además de resaltar las marcas psicológicas y sociales que deja el racismo cotidiano. A

partir de una discusión profunda y posicionada políticamente, Grada Kilomba nos presenta, en este trabajo, posibilidades de conocer y reconocer el racismo en su esencia así como formas de resistencia urgente.

**Palabras llave:** racismo; relaciones étnico-raciales; lenguaje.

A presente resenha busca apresentar a obra “Memórias de plantação” escrita pela Dr<sup>a</sup> Grada Kilomba, a obra publicada em 2009 na Alemanha e foi recentemente traduzida para o português. As discussões trazias nesse livro promovem reflexões analíticas acerca do modo como o racismo opera nas sociedades modernas ocidentais. O livro está organizado em quatorze capítulos, e na versão traduzida para o Brasil conta também com uma carta da autora aos leitores/as brasileiras.

A autora inicia a obra com uma carta aos leitores/as brasileiras pontuando as tramas que envolveram a escrita do livro, menciona suas vindas ao Brasil e, principalmente, discute a linguagem utilizada na tradução do livro. A autora expõe sua preocupação no modo como as traduções podem acarretar interferências de gênero e que tendem a predominar para o masculino, assim, desse modo Kilomba (2019) ressalta a importância da linguagem não opressora. Na introdução, a pesquisadora, apresenta a organização do livro ao passo que também discute a importância do ato de escrever compreendendo este um ato político de tornar-se narradora da sua própria história.

Adentrando no capítulo inicial, intitulado de *A máscara* a autora utiliza da história da máscara que a escravizada Anastácia era obrigada a usar para discutir o processo de fala e escuta e como esses são atravessados pelo racismo. Kilomba (2019) aponta que no racismo a negação é utilizada como modo de legitimar as práticas de violência e controle dos corpos negros. Ainda, é discutido o conceito do/a Outro/a, como lugar que o sujeito negro ocupa a partir da visão dos/as brancos/as. Em outras palavras, os sujeitos brancos/as criaram fantasias daquilo que não desejam ser e projetaram isto para os corpos negros, nesse caso, o sujeito negro/a se torna aquilo que o sujeito branco teme reconhecer em si mesmo.

A máscara representa então a tentativa de silenciamento que tenta impedir que os sujeitos negros digam aquilo que os/as brancos têm receio de ouvir e ignorando o ato de ouvir como dialético. Ainda, a autora utiliza dos mecanismos utilizados por Paul Gilroy: 1. Negação; 2. Culpa; 3. Vergonha; 4. Reconhecimento; 5. Reparação; e os pontua como processos pelos sujeitos brancos necessitam passar para que tornar *consciente* sua branquitude.

O segundo capítulo recebe o título da obra da pesquisadora indiana Gayatri C. Spivak, *Pode a subalterna falar?*. Logo de início Kilomba (2019) já problematiza o masculino como linguagem que supostamente *universal*, para exemplificar a autora faz uso da obra de Spivak onde o título da sua obra foi traduzida no masculino: *Pode o subalterno falar?*, desconsiderando seu lugar de fala como mulher, indiana e pesquisadora, reforçando a ideologia colonial branca. A autora retoma o do mito do *universal*, algo que teoricamente contempla a todos/as, mas que reverbera no conceito de Outricidade que por não representar os sujeitos se distancia da tal universalidade. Kilomba (2019) discute o conhecimento, a objetividade e a neutralidade como mitos criados para manter sujeitos negros/as às margens das sociedades. Ainda, a autora reafirma a necessidade de visualizarmos potência e resistências nas margens reafirmando que escrever, habitando as margens, se configura como uma luta contra o silenciamento do racismo.

Adiante, Kilomba (2019) utiliza da metáfora das *camadas de tinta* para reafirmar que o racismo é determinante nas relações sociais e que este deixa nos sujeitos negros cicatrizes pouco visíveis e que, raras vezes, despertam interesse a comunidade branca. Aqui, mais uma vez a autora recorre ao uso da linguagem reafirmando que os sujeitos negros/as se tornam visíveis para a sociedade através de fantasias estigmatizadas criadas e representadas por brancos/as. Kilomba (2019) expõe que para possuir o status de sujeito é necessário perpassar por três níveis: político, social e individual, ou seja, os interesses individuais dos sujeitos necessitam possuir espaço nesses

três níveis, assim, o racismo se configura como um impeditivo para que pessoas negras atinjam tais níveis.

Continuando na discussão e conceituação de racismo, Kilomba (2019) nos apresenta como as opressões raciais sofridas pelas mulheres negras são "[...] estruturadas por percepções racistas de papéis de gênero" (KILOMBA, 2019, P. 99). Nesse sentido, a autora discute que o feminismo branco não alcança as minúcias das opressões raciais e de gênero que sofrem as mulheres negras e que acaba por invisibilizar as mulheres negras e suas experiências através do racismo genderizado. Tão logo, o conceito de sororidade, apresentado pelo feminismo branco, não contempla as experiências das mulheres negras uma vez que a relação de cumplicidade expressa por esse conceito é facilmente eliminada quando a raça é acionada, no sentido de que mulheres brancas.

Adiante, a autora realiza um cruzamento entre raça e territorialidade no sentido de que a raça é fantasiada dentro de um limite territorial específico, para exemplificar a autora utiliza da negritude e da alemanidade, categorias reproduzidas como contrárias. Utilizando as experiências de uma das sujeitas da sua pesquisa, alicia, Kilomba (2019) inicia uma discussão sobre os modos como os cabelos de pessoas negras impactam o conforto branco. Segundo a autora, o cabelo é um símbolo de poder à negritude e de descolonização, por esse motivo perturba a branquitude.

Utilizando a teoria Freudiana sobre o complexo de Édipo, Kilomba (2019) nos fala acerca das relações estabelecidas entre casais interracialis e sobre a identificação dupla da mulher negra que alterna entre a *doméstica assexual obediente* e a *prostituta primitiva sexualizada*. A autora tensiona a discussão acerca das *políticas da pele*, nos introduzindo na discussão através da constatação de que pessoas brancas tendem a negar a raça de sujeitos negros porque ao longo da história das sociedades a negritude foi internalizada como algo negativo.

Ainda, a autora discute as palavras *Neger* e *Mischling*, ambas são modos pejorativos de referência à sujeitos negros/as na Alemanha, Kilomba (2019) utiliza da representação social dos seus significados para refletir acerca dos olhares dos sujeitos brancos e negros sobre a raça. Seguindo, Kilomba (2019) retoma a discussão sobre o uso da palavra *Niger*, para tanto pontua que o racismo atua no campo do discurso.

A autora pauta que historicamente o uso da palavra *Niger* foi utilizado para subalternizar, desumanizar e inferiorizar sujeitos negros e quando vem a ser acionado traz todas as essas significações para o discurso. Kilomba (2019) chama a responsabilidade de pessoas brancas ao permanecerem em silêncio frente a situações de racismo porque lhes é confortável.

Há uma projeção dos sujeitos brancos de que todos/as os sujeitos negros são da África, tudo isto pautado na não superação das memórias de escravização que residem no tempo presente e que coexistem com sujeitos negros acessando espaços antes exclusivo dos/as brancos.

Temos também a performance dos sujeitos brancos ao acionarem o racismo colocando sujeitos negros em situações de *igual* e *diferentes* ao mesmo tempo, ou seja, igual porque está entre brancos/as e, portanto, se torna confidente e diferente porque o sujeito negro/a é o objeto do ódio proferido. Tal situação torna mais difícil de identificarmos o racismo. Nessa linha de pensamento, Kilomba (2019) aponta que as mulheres negras sofrem opressões raciais que podem ser personificadas por mulheres brancas, ressaltando mais uma vez os limites do feminismo branco frente às opressões de raça. Para exemplificar tal afirmação, somos apresentadas no decorrer da leitura a um relato de uma das interlocutoras da pesquisa, Kathleen, mulher negra e estrangeira que vive na Alemanha e que ouve as confissões de mulheres brancas afirmando que *estrangeiros têm condições melhores que presidiários/as*.

A partir de relatos das suas interlocutoras, Kilomba (2019) nos fala um pouco sobre o suicídio de mulheres negras, nesse ponto a pesquisadora aponta que dentro de uma sociedade patriarcal idealizada por uma ideologia de hierarquização racial branca, as mulheres negras habitam

uma ausência dupla, visto que são “[...] a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade” (KILOMBA, 2019, p. 190). Ao discutir o racismo a autora pontua que este não é um problema de responsabilidade individual, do contrário este é um fenômeno estrutural e branco.

Para concluir, Kilomba (2019) retoma a metáfora da plantação para refletir acerca da história coletiva de opressão racial que acarreta num trauma colonial, reforçado pelo racismo cotidiano. De imediato a autora já sinaliza que o racismo é uma experiência traumática, e a partir disso explora o trauma colonial e individual por três perspectivas: I. Choque violento. II. Separação e III. Atemporalidade. Nesse sentido, a autora ressalta que os racismos cotidianos são tentativas de reestabelecimento da ordem colonial, tentando colocar o sujeito negro/a na posição do/a Outro/a. Por fim, a autora propõe que nos coloquemos fora da ordem colonial, revertendo nossas lógicas de pensamento, de socialização e para que narremos nossas historicidades.

## REFERÊNCIAS

KILOMBA, GRADA. *Memórias da Plantação - Episódios De Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

## CAPA DO LIVRO



*Submetido em junho de 2021*  
*Aprovado em julho de 2021*

## Informações da autora

Pamela Cristina dos Santos  
Universidade Federal de Santa Catarina  
E-mail: [s.pamelacristina@gmail.com](mailto:s.pamelacristina@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0260-3318>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5660393297316857>